

## A VARIAÇÃO NA FORMA DAS ORAÇÕES RELATIVAS NO CONTEXTO DA POLARIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DO BRASIL

### VARIATION IN THE FORM OF RELATIVE CLAUSES IN THE CONTEXT OF BRAZIL'S SOCIOLINGUISTIC POLARIZATION

Dante Lucchesi (UFF/UFBA/CNPq)<sup>1</sup>

**Resumo:** As orações relativas com antecedente introduzidas por uma palavra interrogativa (com exceção do *onde*) ou por um pronome relativo regido por uma preposição são construções que já não fazem parte da gramática natural dos brasileiros de todos os estratos sociais. É plausível que isso resulte de um processo de simplificação morfológica desencadeado pelo massivo contato entre línguas que marca a formação da sociedade brasileira, embora esse tipo de mudança tenda a se concentrar apenas nas classes sociais mais baixas, o que é determinante para a configuração atual da polarização sociolinguística do Brasil. Diante disso, os resultados das análises sociolinguísticas da variação na forma das orações relativas no acervo do Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ), de um lado, e, do outro lado, em uma amostra de fala vernácula do português popular do interior do Estado da Bahia, são cotejados, para verificar empiricamente as predições do algoritmo da polarização sociolinguística do Brasil. Os resultados das análises quantitativas, com o enquadramento da Sociolinguística Laboviana, revelaram que, no que concerne à variação na forma das orações relativas, a fala da elite letrada e a linguagem popular diferem em todos os três parâmetros previstos pelo algoritmo da polarização: a diferença na frequência de uso das variantes linguísticas, a avaliação subjetiva dessas variantes e tendências de mudança em curso em cada um dos dois grupos sociais. Com isso, constata-se que, mesmo naquelas mudanças induzidas pelo contato que se difundiram por todos os estratos da sociedade brasileira, o quadro de polarização sociolinguística se mantém.

**Palavras-chave:** Orações relativas; Mudança linguística, Polarização sociolinguística; Contato entre línguas.

**Abstract:** Relative clauses with an antecedent introduced by an interrogative word (with the exception of *where*) or by a relative pronoun governed by a preposition are no longer part of Brazilians' natural grammar from all social strata. It is plausible that this fact is a result of a morphological simplification process triggered by the massive contact between languages which marks the formation of Brazilian society. However, this kind of change tends to be concentrated only in the lower social classes, which is decisive for the current configuration of sociolinguistic polarization in Brazil. In view of this, the results of the sociolinguistic analyzes of the variation in the form of relative clauses in the collection of Projeto da Norma Urbana Culta - Rio de Janeiro (NURC-RJ) and also from a sample of vernacular speech of popular Portuguese from the interior of the State of Bahia are compared to empirically verify the algorithm's predictions of sociolinguistic polarization in Brazil. The results of the quantitative analyses, within the framework of Labovian Sociolinguistics, revealed that, regarding the variation in the form of relative clauses, the speech of the literate elite differ from popular language in all three parameters predicted by the polarization algorithm: the difference on the frequency of use of linguistic variants, the subjective

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Titular de Língua Portuguesa (apostado) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Nível 1B, do CNPq (Proc. n.: 310919/2023-1). <http://orcid.org/0000-0002-8058-2658>. Email: dante.lucchesi@gmail.com.

evaluation of these variants and ongoing trends of change in each of the two social groups. Thus, it appears that even in those changes induced by the contact that spread throughout all strata of Brazilian society, the sociolinguistic polarization situation remains.

**Keywords:** Relative clauses; Language change; Sociolinguistic polarization; Languages in contact.

## Introdução

O algoritmo da polarização sociolinguística (LUCCHESI, 2001, 2006, 2015) procura equacionar a realidade social da língua no Brasil, integrando, por um lado, o apartheid social determinado pela violenta concentração de renda e pela superexploração da força de trabalho que caracterizam a sociedade brasileira; e, por outro lado, o massivo contato entre línguas que plasma a formação da sociedade brasileira, em sua dimensão sócio-histórica. Essa formulação teórica também procura equacionar a contradição gerada, no interior do modelo teórico laboviano, a partir da identificação de distintos sistemas de avaliação da variação linguística dentro de uma mesma comunidade de fala.<sup>2</sup> A solução proposta por Lucchesi passa pelo resgate do conceito de *norma linguística*, gerado no âmbito do Estruturalismo e que perdeu sua funcionalidade, com a ascensão do modelo teórico da Sociolinguística Variacionista, pois este definiu seu objeto de estudo como um sistema heterogêneo formado por unidades e regras variáveis, de modo que o que Eugênio Coseriu (1979 [1952]) definiu como *variação normal* foi integrado na própria formalização do sistema linguístico. Lucchesi (2015) retoma o conceito de *norma*, reformulando-o como *norma sociolinguística*. E com essa formulação procura apreender a dialética entre avaliação, mudança e uso. Se a norma linguística pode ser definida como a forma como um determinado grupo social usa a língua, a norma sociolinguística define-se não apenas pela forma como um grupo social usa a língua, mas também pela maneira como esse grupo avalia as formas linguísticas em variação na língua e como os padrões de uso da língua desse grupo estão mudando. A ideia da polarização sociolinguística do Brasil se baseia no pressuposto de que a elite letrada e as classes sociais mais marginalizadas da sociedade brasileira se distinguiriam sociolinguisticamente por esses três parâmetros, constituindo a primeira a *norma sociolinguística culta* e as últimas a *norma sociolinguística popular*, ou, simplesmente, norma culta e norma popular. Dessa forma, os polos da realidade sociolinguística do Brasil, essas normas sociolinguísticas culta e popular, devem se opor nos seguintes parâmetros: frequência de uso das variantes linguísticas, avaliação subjetiva dessas variantes linguísticas e tendência de mudança em curso (LUCCHESI, 2015).

Esse quadro se confirma, por exemplo, em relação à variação na concordância verbal junto à 3ª pessoa do plural (e.g., *eles trabalham*; *eles trabalha*). Há uma grande diferença na frequência de aplicação da regra de concordância, cotejando os dois polos da realidade sociolinguística brasileira. Entre os falantes com alto grau de escolaridade, da *norma culta*, a frequência fica em torno de 95%, no limiar do que Labov (2003) definiu como uma regra semicategórica; já na *norma popular*, de falantes com pouca ou nenhuma escolaridade, a frequência de aplicação da regra pode cair para menos de 20%, como se nota na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas do interior do Estado da Bahia (LUCCHESI, 2015). A forma como os falantes de cada um dos dois extremos da escala social avalia as variantes linguísticas também é distinta. Os falantes ditos cultos avaliam negativamente a falta de concordância, caracterizando, na visão desse grupo, o que Labov (2008[1972]) definiu como um *estereótipo*. Já nas comunidades rurais, a variação seria um *indicador* no jargão laboviano, na medida em que os falantes não teriam um juízo de valor explícito sobre as

<sup>2</sup> Essa contradição decorre do fato de Labov (2008[1972]) definir a *comunidade de fala*, não pela semelhança entre o comportamento linguístico dos seus membros, mas pelo compartilhamento de um mesmo sistema de avaliação da variação linguística.

variantes, havendo até uma variação social, com os jovens usando mais a regra de concordância do que os mais velhos, mas não se observando uma variação estilística (BORTONI-RICARDO, 2008). O quadro de variação e mudança em cada um dos dois polos também é distinto. Nas comunidades populares se constatou uma mudança de fora para dentro e de cima para baixo, no sentido do incremento do uso da regra de concordância, ao passo que, entre os falantes da elite letrada, identificou-se um quadro de gradação geracional, com os mais velhos empregando a regra de concordância verbal em uma frequência ligeiramente maior do que os mais jovens. Essas diferenças nas tendências de mudança se explicam por uma assimilação por parte dos falantes das classes mais baixas das formas linguísticas de mais prestígio social da norma culta, por um lado, e por uma tendência dos falantes da elite letrada de se afastarem do padrão normativo lusitanizado, por outro lado (LUCCHESI, 2015; ARAÚJO, 2014). Historicamente, a baixa frequência de uso da regra de concordância nas classes populares se deve à aquisição defectiva do português por parte dos indígenas subjugados e dos africanos escravizados e da nativização desse modelo defectivo de segunda língua entre os seus descendentes, em um processo definido como *transmissão linguística irregular* (LUCCHESI; BAXTER, 2009)

Este artigo pretende escrutinar o quadro da polarização sociolinguística do Brasil em relação ao fenômeno da variação na forma das orações relativas, com base nos resultados da análise desse fenômeno em uma amostra de fala vernácula do português popular do interior do estado da Bahia, realizada por Elias Bonfim da Silva (2020), de um lado, e da análise feita por Michelle Silva dos Santos (2021), utilizando o acervo do Projeto NURC, do Rio de Janeiro, do outro lado. Com base nos resultados dessas análises sociolinguísticas da variação na forma das orações relativas (doravante ORs) nos dois polos da realidade sociolinguística brasileira, este artigo vai verificar se as predições do algoritmo da polarização se confirmam em um fenômeno morfossintático, em que, ao que tudo indica, as mudanças desencadeadas pelo contato do português com as línguas indígenas e africanas se difundiram por todos os segmentos da sociedade brasileira, já que os estudos feitos sobre a variação na forma das ORs revelam uma generalização do uso do relativizador neutro *que* na introdução das relativas com antecedente na fala natural de todos os estratos sociais, de modo que as ORs introduzidas por um pronome relativo, regido ou não por preposição só são encontradas na fala monitorada dos falantes com alta escolarização ou na escrita (TARALLO, 1983; CORRÊA, 1998; 1999; SILVA, 2018; SILVA, 2020; SANTOS, 2021).

Para cumprir esse objetivo, este artigo se estrutura da seguinte maneira. Na seção 1 a seguir, é feito um rápido panorama das análises sobre a variação das orações relativas no português brasileiro, com referência também ao português europeu e outras línguas românicas, considerando os possíveis efeitos do contato entre línguas. Na seção 2, são apresentados e comentados os resultados quantitativos das duas análises variacionistas das orações relativas na norma culta e na norma popular, que fornecem a base empírica para esta análise. E na conclusão, busca-se verificar se o algoritmo da polarização sociolinguística se confirma no quadro geral sistematizado.

## 1 A variação na forma das orações relativas no português brasileiro e o contato entre línguas

Em sua análise pioneira da variação na forma das orações relativas (ORs), Fernando Tarallo (1983) observou que, quando o relativizador está ligado às posições de sujeito (SUJ) e objeto direto (OD) na estrutura sintática da OR, como exemplificado, respectivamente, em (1) e (2) abaixo, não haveria grande diferença entre as construções normalmente empregadas na fala natural dos brasileiros e aquelas prescritas pelas gramáticas normativas:<sup>3</sup>

- (1) Os alunos; **que** \_\_\_; *alcançam a média sete* não fazem prova final.

<sup>3</sup> Nos exemplos, as orações relativas estão em itálico, o relativizador em negrito e o termo antecedente está sublinhado.

(2) O livro; **que** o professor indicou \_\_\_; é muito bom.

Nessa construção, haveria uma lacuna na OR que estaria ligada ao termo antecedente através do pronome relativo. Já na estratégia marginal *com pronome resumptivo*, a lacuna é preenchida por um pronome correferente com o antecedente da OR, como exemplificado em (3):

(3) Eu tenho uma amiga; **que** ela, adora música eletrônica.

O escopo da variação se amplia quando o relativizador se liga a uma posição preposicionada na OR, envolvendo três estratégias de relativização distintas. Nas *relativas com pied-piping*, exemplificadas em (4), a preposição que rege a posição sintática relativizada “acompanha” o pronome relativo na “cabeça” da OR. A essa relativa com *pied-piping*, ou *relativa padrão*, opõem-se, no uso coloquial da língua, a relativa resumptiva – cf. exemplo (5) – e a estratégia que Tarallo denominou *relativa cortadora*, exemplificada em (6):

(4) O rapaz; **com quem** você saiu \_\_\_; ontem é meu amigo.

(5) O rapaz; **que** você saiu com ele ontem é meu amigo.

(6) O rapaz; **que** você saiu \_\_\_; ontem é meu amigo.

Na análise de Tarallo, ao contrário do que ocorre no *pied-piping*, não haveria movimento nas relativas resumptivas e cortadoras, pois nesses casos o relativizador neutro *que* teria mais uma natureza de *complementizador* do que de *pronome relativo*. A relativa cortadora derivaria, então, da relativa resumptiva, por meio do apagamento do pronome resumptivo e da preposição que o rege, *in situ*, devido a “uma regra de *pro-drop* independentemente requerida”. Essa regra de *pro-drop* específica diferenciaria o português brasileiro (PB) do português europeu (PE) e demais línguas românicas, pois “aplica-se em todas as posições sintáticas” (TARALLO, 1993, p. 42). Assim, a estratégia padrão e a resumptiva seriam as mais antigas, enquanto a cortadora seria a estratégia inovadora no PB, começando a aparecer em meados do século XIX, ainda segundo Tarallo (1983 e 1993).

De fato, há registros de relativas resumptivas desde o latim vulgar (ILARI, 1997, p. 113), e esse tipo de relativa está presente na maioria das línguas românicas, como uma estratégia marginal de relativização. Contudo, estudos recentes têm revelado a presença de relativas cortadoras e resumptivas em Portugal, desde a linguagem popular rural até a linguagem urbana culta, tendo, inclusive, já atingindo a escrita (ALEXANDRE, 2000; ARIM; RAMILO; FREITAS, 2004; VAREJÃO, 2006)<sup>4</sup>. A estratégia cortadora também tem sido identificada em outras línguas românicas, como o francês e o italiano, opondo-se à relativa com *pied-piping*, associada à fala formal e à escrita (GUAZZI; CARDINALETTI, 2003). Portanto, a presença de cortadoras não seria uma inovação do português brasileiro, como afirmou Tarallo. O que realmente diferenciaria o português brasileiro do português de Portugal e das línguas românicas seria a perda do *pied-piping* como um mecanismo natural de relativização. De acordo com Nélia Alexandre (2000), ainda predomina em Portugal o uso da relativa padrão, mesmo na linguagem popular rural, de modo que a construção padrão ainda faz parte da gramática natural dos portugueses, o que já não mais acontece com os brasileiros. Assim, ao contrário do que acontece no Brasil, as relativas cortadoras e resumptivas, em Portugal, “são recursos marginais que os falantes têm ao seu dispor” (ALEXANDRE, 2000, p.

<sup>4</sup> Arim, Ramilo e Freitas (2004) trabalham com dados de textos veiculados nos meios de comunicação de massa portugueses. Alexandre (2000) conjuga dados do “*Corpus* de Referência do Português Contemporâneo – oral” (CRPC) com dados recolhidos a partir de programas televisivos (de notícias ou de debates) e de conversas informais com os mais variados interlocutores. Varejão (2004) utiliza a amostra do português popular rural do *Corpus* Dialectal com Anotação Sintática - CORDIAL-SIN, coordenado por Ana Maria Martins.

154). Porém, tanto no Brasil como em Portugal, as relativas cortadoras predominam largamente sobre as resumptivas<sup>5</sup>.

Alexandre também adota a concepção gerativista de Tarallo, de que as relativas padrão (com *pied-piping*) envolvem um movimento-*wh* obrigatório porque são construídas com pronomes relativos morfologicamente marcados (e.g., *o qual, cujo, quem, onde*), enquanto esse movimento é impossibilitado nas relativas cortadoras e resumptivas porque essas são introduzidas por um relativizador neutro (*que*), desprovido de marcas morfológicas, assumindo mais o caráter de um complementizador do que o de um pronome relativo.

Desde uma perspectiva teórica distinta, da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), Roberto Camacho (2017) também vê a difusão das cortadoras, em detrimento do *pied-piping*, como resultante da

atuação do Princípio de Economia, que se revela mais relevante ao usuário do que o Princípio de Iconicidade, já que a codificação morfossintática da estratégia [cortadora] elimina um constituinte pragmática e semanticamente redundante. (CAMACHO, 2017, p. 263)

Em vista disso, o desaparecimento do *pied-piping* na gramática natural dos brasileiros poderia ser interpretado como um reflexo do processo de *simplificação morfológica* que caracteriza os processos de *transmissão linguística irregular* (TLI) ocorridos nas situações de contato linguístico massivo (LUCCHESI; BAXTER, 2009). O *pied-piping* requer um aparato morfossintático mais oneroso, que envolve o movimento de partículas gramaticais morfologicamente complexas (COMRIE, 1989). É previsível que tal aparato morfossintático se perca, tanto nas situações de pidginização/crioulização, quanto nas situações de TLI mais leve, como as que predominaram nos primeiros séculos da história do Brasil (LUCCHESI, 2009a; 2015).

Assumindo essa hipótese, Ilza Ribeiro (2009) analisou a fala de indivíduos de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas,<sup>6</sup> com base nos fundamentos teóricos da Gramática Gerativa, e postulou que, em função do processo de TLI, teria havido uma reanálise, em que as orações relativas com antecedente passaram a ser construídas com uma partícula invariável *que*, a qual seria, também para ela, um complementizador. Os pronomes relativos morfologicamente marcados (e.g., *o qual, cujo*) teriam se perdido, em função da simplificação morfológica, decorrente do contato entre línguas, e as palavras interrogativas passaram a ser usadas somente nas chamadas *relativas livres*, ou seja, sem antecedente – cf. exemplificado em (7) e (8) –, com exceção do *onde*, que também é utilizado em relativas com antecedente, mas em uma frequência bem menor que o *que* – cf. exemplos em (9):

<sup>5</sup> “A estratégia resumptiva é, de todas, a menos produtiva” (ALEXANDRE, 2000, p. 154). No universo de relativas não padrão recolhidas por Varejão (2004, p. 132) em amostras do português europeu, as cortadoras predominavam sobre as resumptivas na proporção de 3 para 1.

<sup>6</sup> A base empírica da análise de Ribeiro (2009) foi constituída pelas amostras de fala vernácula de quatro comunidades rurais afro-brasileiras isoladas de diferentes regiões do Estado da Bahia, colhidas no âmbito do Projeto *Vertentes do Português no Estado da Bahia* (<https://vertentes.ufba.br/>). O falar dessas comunidades constituiria o que se denominou o *português afro-brasileiro* (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), que Lucchesi (2009b, p. 32) assim definiu: “o português afro-brasileiro designa aqui uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de africanos escravizados que se fixaram em localidades remotas do interior do país, praticando até os dias de hoje a agricultura de subsistência. Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravizados foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento. Dessa forma, o português afro-brasileiro guardaria uma especificidade no universo mais amplo do português popular rural brasileiro (...), não apenas pelas características sócio-históricas próprias às comunidades em que ele é falado, mas, sobretudo, pelas características linguísticas que o distinguiriam das demais variedades do português popular do Brasil (...)”.

- (7) *Quem não faz* leva.
- (8) Não sei *como ela conseguiu fazer* isso.
- (9) a. A casa *onde* eu nasci fica nessa rua.  
b. A casa *que* eu nasci fica nessa rua.

Quanto a esse emprego do *onde*, Ribeiro (2009, p. 202-203) observa que seu uso generalizado, com funções distintas da de um pronome de valor locativo, ora com valor temporal – cf. (10) –, ora ligado a uma posição de objeto – cf. (11) –, ou mesmo como um conectivo causal – cf. (12) –, revela que essa partícula gramatical estaria sofrendo um processo de mudança com a ampliação do seu espectro funcional.<sup>7</sup>

- (10) Rara felicidade deste *tempo, onde/quando* é permitido pensar o que se quiser e dizer o que se pensa.
- (11) Isso não está no trabalho *onde/que* eu fiz \_\_\_\_.
- (12) Meu time não jogou bem *onde/porque* os jogadores estavam cansados.

Já as demais relativas padrão, totalmente ausentes na fala popular, ainda seriam encontradas no desempenho monitorado dos falantes ditos cultos, em decorrência da ação da escola (CORRÊA, 1998; 1999). O que distinguiria, então, a norma culta da norma popular seria esse uso artificial das relativas padrão, que, ocorrendo na fala culta monitorada, seria totalmente ausente, ou mesmo desconhecida dos falantes brasileiros com baixa ou nenhuma escolaridade, particularmente na zona rural.

Por outro lado, Tarallo (1993, p. 44-50) sugeriu que o efeito do contato entre línguas sobre a forma de construção das orações relativas seria o emprego dos pronomes resumptivos. Com base nos estudos de Sankof e Brown (1976) e Dreyfus (1977), Tarallo estabeleceu um paralelo entre o PB e o tok pisin, o haitiano, o sango e o sranan, afirmando que, tanto nesses pidgins e crioulos, quanto no PB, os pronomes resumptivos seriam mais frequentes, ou mesmo categóricos, quando a relativização opera a partir de uma posição mais encaixada na estrutura sintática da oração relativa, como as posições de genitivo (GEN), objeto indireto (OI) e oblíquo (OBL), sendo mais raros nas posições mais acessíveis de sujeito (SUJ) e objeto direto (OD). Tarallo também observou que o uso dos resumptivos estaria associado ao fato de essas variedades linguísticas só construírem as ORs com um relativizador neutro com natureza de complementizador, e não com um pronome relativo com marcas morfológicas, com exceção do haitiano.

Esse breve panorama e sobretudo os estudos referidos acima, na introdução deste artigo, têm lançado luzes sobre um panorama, no qual as mudanças na estrutura das ORs provocadas pelo contato entre línguas se difundiram por todos os segmentos sociais, ao contrário do que aconteceu com a concordância verbal, em que o contato entre línguas afetou muito mais a norma popular do que a norma culta. O processo de simplificação gramatical provocado pela transmissão linguística irregular que caracteriza a formação da realidade linguística brasileira (LUCCHESI, 2009, 2015) teve como principal consequência a queda em desuso da construção com *pied-piping*, morfológicamente marcada, que desapareceu da gramática natural de praticamente todos os brasileiros. Assim, a diferença entre a norma culta e a norma popular, em relação ao emprego das ORs, se restringiria a uma conservação lateral do *pied-piping* entre falantes da elite letrada, em decorrência da influência da escolarização e da tradição gramatical (CORRÊA, 1998, 1999). Essa construção padrão estaria virtualmente ausente da fala dos indivíduos com pouca ou nenhuma escolarização, especialmente no interior do país. Contudo, sob esse panorama geral, é possível

---

<sup>7</sup> Essa ampliação funcional do *onde* parece ser uma tendência geral, ocorrendo em outras línguas, como o alemão, por exemplo.

vislumbrar diferenciações entre a norma culta e a norma popular que abrangem os três parâmetros que definem a polarização sociolinguística do Brasil, como se buscará demonstrar nas seções seguintes.

## 2 A variação nas estratégias de relativização nos dois extremos da polarização sociolinguística do Brasil

Para analisar como a variação na forma das orações relativas se distribui na estrutura da polarização sociolinguística do Brasil, será feito o cotejo dos resultados de duas análises variacionistas que adotaram um enquadramento do fenômeno muito similar. De um lado, Michelle Santos (2021) analisou o fenômeno, utilizando o corpus do Projeto da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ). Do outro lado, Elias Silva (2020) utilizou as amostras do português popular do interior do Estado da Bahia. Os resultados destas duas análises quantitativas serão comentados a seguir.

### 2.1 A variação na forma das orações relativas na norma culta da cidade do Rio de Janeiro

Em uma base de dados de 1.232 ocorrências de orações relativas, extraídas de um conjunto de seis Elocuções Formais (EFs) e doze Diálogos entre Informante e Documentador (DIDs) do *corpus Norma Linguística Urbana Culta – NURC-RJ*, da década de 70, Michelle Santos (2021) estruturou sua variável dependente destacando inicialmente as ORs de SUJ e OD, denominadas *relativas com lacuna*, enquanto as ORs extraídas de posições de relativização preposicionadas foram classificadas em relativas padrão, cortadora e resumptiva. Com essa taxonomia, encontrou a seguinte distribuição:

**Tabela 1 - Estratégias de relativização no português oral culto do Rio de Janeiro da década de 1970**

Estratégia	Nº de Oc./Total	Frequência
Lacuna	983/1.232	79,8%
Cortadora	134/1.232	10,9%
Padrão	103/1.232	8,4%
Resumptiva	12/1.232	1,0%

Fonte: Santos (2021, p. 74)

As ORs de SUJ e OD predominam largamente, correspondendo a praticamente 80% do total de ocorrências, o que confirma a predição de Keenan e Comrie (1977), em sua Hierarquia da Acessibilidade (HA), de que essas posições de relativização seriam mais acessíveis e de processamento mais fácil, o que as tornaria mais frequentes na língua. Entre as ORs extraídas de posições preposicionadas, as relativas cortadoras superaram ligeiramente as relativas padrão (10,9% versus 8,4%). A estratégia resumptiva seria bem marginal, com apenas um por cento do total de ocorrências.

Isolando o conjunto de ORs extraídas de posições preposicionadas e descartando as resumptivas devido à sua insignificância numérica, obteve a seguinte distribuição:

**Tabela 2 - Estratégias de relativização em posições preposicionadas no português oral culto do Rio de Janeiro da década de 1970**

Estratégia	Nº de Oc./Total	Frequência
Padrão	100/233	42,9%
Cortadora	133/233	57,1%

Fonte: Santos (2021, p. 77)

As cortadoras correspondem a quase 60% do total de ocorrências, predominando sobre as relativas padrão, conquanto estas tenham logrado um número representativo de ocorrências: um pouco mais de 40%.

A análise quantitativa dos condicionamentos estruturais, com o recurso ao programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), revelou que as posições de relativização de adjunto adverbial favorecem o emprego das relativas padrão, enquanto a estratégia cortadora é muito favorecida nas ORs extraídas das posições de complemento nominal e complemento oblíquo, sobretudo estas últimas. As relativas padrão predominam nas ORs explicativas, e as cortadoras, nas restritivas, as quais são muito mais numerosas (SANTOS, 2021, 78-82). No que concerne às variáveis sociais, o uso das relativas padrão é favorecido nos registros de fala mais formais (as EFs), e a distribuição pelas faixas etária revelou um padrão curvilíneo, indicador de um cenário de variação estável, o que foi corroborado pelo predomínio das relativas padrão entre as mulheres (SANTOS, 2021, 82-84), que têm se mostrado mais sensíveis às variantes de prestígio (CHAMBERS, 1995).

No tocante ao emprego do relativizador, SANTOS (2021, p.89-90) constatou “um amplo domínio do relativizador *que*”, com praticamente 96% do total de ocorrências, o que configura uma situação de regra semicategórica na escala de Labov (2003). O uso do pronome relativo *onde/aonde* correspondeu a menos de 3% do total de ocorrências. O emprego de outros pronomes relativos (*o qual, quando, cujo, quem e como*) foi insignificante em termos percentuais – menos de um por cento do total.

## 2.2 A variação na forma das orações relativas no português popular do interior do Estado da Bahia

A análise de Elias Silva (2020) utilizou 48 entrevistas informais, de tipo sociolinguístico, do *Acervo de Fala Vernácula do Projeto Vertentes do Português do Estado da Bahia* (<https://vertentes.ufba.br/>). As entrevistas foram realizadas na sede e na zona rural dos municípios de Santo Antônio de Jesus, na região do Recôncavo baiano, e Poções, na região do semi-árido, e foram extratificadas pelas variáveis sociais sexo e faixa etária (25 a 35 anos, 45 a 55 anos e mais de 65 anos). Em cada município, foram feitas doze entrevistas na sede urbana do município e doze, na zona rural. A hipótese reitora da análise foi a de que haveria um processo de nivelamento linguístico, no qual as formas de maior prestígio da norma culta dos grandes centros urbanos estaria se difundindo para todos os estratos sociais e para todas as regiões do país, em função da influência dos meios de comunicação de massa, da escolarização e da inserção dos membros das classes subalternas no mercado de trabalho e no mercado consumidor (LUCCHESI, 2015).

Silva (2020) separou as ORs de SUJ e OD das ORs extraídas de posições preposicionadas. Estas, ele dividiu entre as estratégias padrão, cortadora e resumptiva, como Santos (2020), mas, diferentemente de Santos (2020), denominou aquelas de *relativas neutras*. Com essa classificação, obteve os seguintes resultados:

**Tabela 3 - Estratégias de relativização no português popular do interior da Bahia**

Estratégia	Nº de Oc./Total	Frequência
Neutra	1640/2348	69,8%
Cortadora	627/2348	26,7%
Padrão	61/2348	2,6%
Resumptiva	20/2348	0,9%

Fonte: Silva (2020, p. 98)



Comparando esses resultados com os de Santos (2021), apresentados na tabela 2, constata-se, em primeiro lugar, que a frequência de ORs extraídas das posições de SUJ e OD é cerca de dez por cento menor no português popular em relação à norma culta; em compensação, a frequência de relativas cortadoras é bem maior no português popular do que na norma culta, cerca de 27% naquele contra apenas 11% nesta. Outra diferença significativa seria o emprego bem menor da relativa padrão no português popular, menos de 3% do total de ocorrências, enquanto que os falantes da elite letrada empregam essa estratégia em mais de 8% das ORs que produzem. À essa diferença quantitativa se soma uma diferença qualitativa fundamental, pois, enquanto na linguagem popular as relativas padrão só são introduzidas pela palavra interrogativa *onde*, encontrou-se na fala culta ORs introduzidas pelos pronomes relativos *o qual* e *cujo*, bem como pelas palavras interrogativas *quando*, *como* e *quem*, embora a frequência de uso dessas outras partículas seja muito reduzida. Nas duas variedades do português brasileiro (PB), a estratégia resumptiva é bem lateral, ficando em torno de 1% do total.

Na amostra analisada por Silva (2020), as ORs extraídas de posições preposicionadas se distribuíram pelas estratégias padrão e cortadora da seguinte maneira:

**Tabela 4 - Estratégias de relativização no português popular do interior da Bahia a partir de posições preposicionadas**

Estratégia	Nº de Oc./Total	Frequência
Cortadora	627/688	91,1%
Padrão	61/688	8,9%

Fonte: adaptado de Silva (2020, p. 98)

O cotejo com os resultados da norma culta revela uma diferença significativa, em face desse amplo predomínio da estratégia cortadora no português popular, perfazendo mais de 90% do total, enquanto ocorre um equilíbrio entre as estratégias cortadora e padrão, na fala da elite letrada, como se viu na seção anterior, com uma ligeira vantagem para as relativas cortadoras sobre as relativas padrão (57% versus 43% *circa*). No que concerne aos condicionamentos estruturais dessa variação, os resultados de Silva (2020, p. 103) confirmaram o favorecimento da estratégia padrão nas ORs explicativas, como Santos (2021) havia constatado na norma culta. Por outro lado, a análise variacionista do português popular identificou o favorecimento dessa estratégia quando o antecedente tinha uma referência definida e um desfavorecimento quando o referente tinha uma referência indefinida ou genérica (SILVA, 2020, p. 104); condicionamento que não apareceu na análise variacionista da norma culta feita por Santos (2021).

Há outras diferenças significativas nos dois polos da realidade sociolinguística do Brasil, na variação das ORs extraídas de posições de relativização preposicionadas. No português popular, as relativas padrão são praticamente só introduzidas pela palavra interrogativa *onde*. A única ocorrência com *pied-piping*<sup>8</sup> que Silva (2020, p. 103) encontrou em sua amostra foi a seguinte:

(13) *Aí foi na época em que eu conheci o meu marido e meus pai já começou ficar doente.*

Já na norma culta, encontram-se várias ocorrências de *pied-piping*, com o *que* e outros pronomes relativos,<sup>9</sup> além de ORs introduzidas por outras palavras interrogativas, além do *onde*, como exemplificado aqui:

<sup>8</sup> Numa concepção mais rigorosa, o *pied-piping* só ocorre quando a preposição acompanha o pronome relativo em seu movimento para a frente da OR, portanto, numa OR relativa introduzida somente pela palavra interrogativa, sem preposição, não haveria, a rigor, o *pied-piping*.

<sup>9</sup> No *pied-piping* o *que* já funciona com pronome relativo, porque é marcado com o traço semântico [-humano], como se pode ver na agramaticalidade de uma frase como: \**O rapaz com que eu trabalho* é muito bom em informática.

- (14) Tive, tive. Só que, no dia em que eu fui lá, ela estava verde.  
(15) Foi despedido, recebe a indenização a que tiver direito e pronto.  
(16) vai dissolver uma parte cujo produto é nove, e o resto fica no fundo, não dissolvido  
(17) E uma mentalidade que... clube de não sei de quê... **da qual me abstive bastante**.  
(18) o professor Afonso Saldanha, **com quem convivi muito tempo**, trabalhamos juntos no mesmo colégio, ele chegou mesmo a dizer  
(19) está muito interessante o modo como o Burnes coloca a Revolução.

No plano do encaixamento social, os resultados de Silva (2020) revelaram que os homens usam mais as relativas padrão do que as mulheres. Essa inversão em relação ao que Santos (2021) observou na norma culta explica-se porque, ao contrário do que se observa nos ambientes urbanos de classe média, onde as mulheres usam mais a forma do padrão normativo, os homens é que lideram as mudanças em direção às formas de prestígio, nas classes populares, porque, em geral, estão mais bem inseridos no mercado de trabalho do que as mulheres, tanto no campo, quanto na periferia das grandes cidades (LUCCHESI, 2009c). Silva (2020) observou também que as relativas padrão são mais empregadas no município de Santo Antônio de Jesus do que no município de Poções, o que vai ao encontro do nivelamento linguístico identificado por Lucchesi (2015), pois Santo Antônio de Jesus é um município mais próximo de Salvador e mais desenvolvido economicamente do que Poções. O nivelamento linguístico prevê a difusão das formas de prestígio dos grandes centros urbanos para todas as regiões do país, e os municípios mais próximos das grandes metrópoles e mais desenvolvidos em termos socioeconômicos seriam atingidos antes dos municípios mais distantes e menos desenvolvidos. Portanto, nos resultados de Silva (2020), encontram-se indícios de uma tendência de aumento do uso das relativas padrão, no português popular, em um processo de mudança de cima para baixo e de fora para dentro.

### **Conclusão: a variação das orações relativas no quadro da polarização sociolinguística do Brasil**

O cotejo dos resultados das análises sociolinguísticas da variação na forma das orações relativas na norma culta e na norma popular aqui realizado revelou que, embora a mudança desencadeada pelo contato do português com as línguas indígenas e africanas, nos primeiros séculos de formação da sociedade brasileira, tenha se difundido por todas as variedades do português brasileiro, no que concerne à forma dessas orações encaixadas, há diferenças quantitativas e qualitativas entre as duas normas que corroboram o quadro de polarização sociolinguística do Brasil. A nativização de um modelo defectivo de segunda língua falado pelos índios subjugados e africanos escravizados entre seus descendentes endógamos e mestiços, em um processo definido como *transmissão linguística irregular* (LUCCHESI; BAXTER, 2009), teria levado a uma simplificação morfológica das orações relativas, com a perda do *pied-piping*, bem como do emprego de palavras interrogativas nas relativas com antecedente, com exceção do *onde*. Essa mudança, iniciada nos segmentos mais baixos da pirâmide social, teria se difundido por todos os estratos sociais, de modo que, ao contrário do que se observa em Portugal, essas orações relativas morfológicamente mais complexas não fariam mais parte da gramática natural dos brasileiros.

Contudo, os falantes da elite letrada brasileira ainda usam as ORs morfológicamente mais marcadas de forma considerável, especialmente nos registros de fala mais formais, em função da influência da alta escolarização e do padrão normativo, que ainda não cancela o uso das relativas cortadoras. Já os falantes com baixa ou nenhuma escolaridade, sobretudo da zona rural, só empregariam a estratégia cortadora, com exceção das ORs introduzidas pelo *onde*, que é um conectivo oracional de alto rendimento funcional, ao menos nas línguas indo-europeias. A essa

diferença quantitativa e qualitativa no uso das relativas padrão se soma uma diferença nas tendências de variação e mudança. Na norma culta, há sinais de uma situação de variação estável, com um certo equilíbrio entre as relativas padrão e cortadora, conquanto haja um certo predomínio desta última, sobretudo nas situações menos formais de interação verbal. Já na norma popular há indícios de uma ligeira mudança no sentido do aumento do uso das relativas padrão, embora ainda não tenha sido possível notar uma variação estilística. Essa diferença no que concerne à existência ou não de variação estilística nas normas culta e popular atinge o terceiro parâmetro do algoritmo da polarização sociolinguística: a avaliação subjetiva das variantes linguísticas. Na norma culta, o uso mais frequente das relativas padrão na fala mais formal – como observado por Santos (2021) no cotejo entre as elocuições formais e os diálogos entre informante e documentador do corpus do NURC – permitem inferir que as relativas padrão seriam um *marcador* (cf. LABOV, 2008[1972]) entre os falantes da elite letrada. A inexistência de variação estilística na norma popular em relação ao uso das relativas padrão aponta para qualificação dessa variante apenas como *indicador*, entre os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade.

A estratégia do pronome lembrete se mostrou marginal, tanto na norma culta, quanto na norma popular, correspondendo a apenas um por cento do total de ORs produzidas pelos falantes. Por um lado, isso contraria a hipótese de Tarallo (1993) de que o contato entre línguas produziria um aumento das relativas resumptivas. Uma outra evidência contra essa hipótese é o fato de a frequência de relativas resumptivas em Portugal ser igual ou até maior da que se observa no Brasil. Ao que parece, essa estratégia de relativização seria marginal, ao menos nas línguas românicas, e no português brasileiro seu emprego seria ainda mais dificultado pela perda do clítico acusativo da 3ª pessoa. A ocorrência de relativas resumptivas com o clítico acusativo de 3ª pessoa em Portugal reforçaria esse raciocínio. Por outro lado, a diferença na percepção desse tipo de OR entre os falantes da elite letrada e os de baixa escolaridade reforça a diferença no terceiro parâmetro da polarização sociolinguística do Brasil. Os falantes da norma culta rejeitam o uso das orações relativas com pronome lembrete, o que pode ser definido como um *estereótipo*, na terminologia laboviana;<sup>10</sup> já entre os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade não se observaria uma rejeição explícita a esse tipo de construção.

Portanto, os resultados das análises aqui cotejadas revelaram que os falantes da norma culta e da norma popular se diferenciam, em relação à variação na forma das orações relativas, nos três parâmetros que definem o algoritmo da polarização sociolinguística do Brasil: (i) a frequência de emprego das variantes, com a relativa padrão só atingindo uma frequência significativa na fala formal dos mais escolarizados; (ii) a tendência de variação e mudança, com uma variação estável entre relativas padrão e cortadora na fala culta e uma ligeira tendência de incremento das relativas padrão na fala popular; e (iii) a forma como os falantes avaliam subjetivamente as variantes, com a relativa padrão sendo um marcador entre os mais escolarizados e apenas um indicador entre os menos escolarizados, e com a relativa resumptiva sendo rejeitada na elite letrada, o que não se observa nos iletrados ou pouco letrados. Essas diferenças constatadas nesses três parâmetros em relação à variação nas estratégias de relativização no Brasil confirma o quadro de polarização sociolinguística, nos termos fixados por Lucchesi (2015). Dessa forma, pode-se afirmar que, mesmo em aspectos da gramática nos quais o efeito do contato entre línguas se espalhou por todas as classes sociais, pode-se observar um quadro de polarização sociolinguística, como reflexo, no plano da língua, da violenta clivagem socioeconômica que ainda caracteriza a sociedade brasileira.

---

<sup>10</sup> A reação negativa dos falantes mais escolarizados diante das relativas resumptivas já é referida no estudo pioneiro de Tarallo (1983) e é geralmente reconhecida entre os linguistas, embora não haja pesquisas que comprovem empiricamente essa avaliação negativa. Podemos aqui informar que, em nossa experiência docente, já testemunhamos estudantes universitários que não apenas rejeitavam as relativas com pronome lembrete, como afirmavam não as produzir, de maneira alguma, em sua fala.

## Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Nélia Maria Pedro. *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Lisboa.

ARAÚJO, Silvana. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ARIM, Eva; RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 19. *Actas...* Lisboa: APL; ILTEC, 2004. Disponível em: <<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-redip-relativas.pdf>>.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.). Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 362-380.

CAMACHO, Roberto. Alinhamento e estratégias de relativização. *D.E.L.T.A.*, Volume 33, Número 1, 2017. p. 243-266.

CHAMBERS, Jack. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

COMRIE, Bernard. *Language Universals & Linguistic Typology*. 2 ed. Chicago, The Chicago University Press, 1989.

CORRÊA, Vilma. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 1998. 174f. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1998.

CORRÊA, Vilma. Aprendendo a relativa padrão na escola. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.36, p.71-83, 1999.

COSERIU, Eugenio. (1979 [1952]). Sistema, norma e fala. In: COSERIU, Eugenio. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP. p. 13-85.

DREYFUSS, Gail. *Relative clause structure in four Creole languages*. 1977. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Michigan, 1977.

GUASTI, Maria Teresa; CARDINALETTI, Anna. Relative clause formation in romance child's production. *Probus*, Berlim, n.15, p.47-89, 2003.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1997.

- KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, n.8, p.63-99, 1977.
- LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. p.17-92.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v.17, n.1, p.97-130, 2001.
- LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v.5, n.1 e 2, p.83-112, 2006.
- LUCCHESI, Dante. História do Contato entre Línguas no Brasil. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009a. p. 41-73.
- LUCCHESI, Dante. Introdução. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009b. p. 27-37.
- LUCCHESI, Dante. Conclusão. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009c. p. 513-546.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A Transmissão Linguística Irregular. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 101-124.
- RIBEIRO, Ilza. As sentenças relativas. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009. p. 185-208.
- SANKOFF, Gillian; BROWN, Penelope. The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin. *Language*, n. 52, p. 631-666, 1976.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SANTOS, Michelle Silva dos. 2021. *A variação nas estratégias de relativização na norma urbana culta do Rio de Janeiro*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SILVA, Elias. 2020 *A variação nas orações relativas no português popular do interior do estado da Bahia*. 130 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SILVA, Jéssica Carneiro da. *As orações relativas no português falado em Feira de Santana*. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

TARALLO, Fernando. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado) - University of Pennsylvania, Pennsylvania.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: KATO, Mary A.; ROBERTS, Ian (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 35-68.

VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Submetido em 15/01/2024

Aceito em 19/03/2024